

Pesquisa fenomenológica com universitários usuários de diferentes modalidades clínicas em serviço escola de psicologia nordestino

Phenomenological research with university students using different clinical modalities in a northeastern psychology school service

Shirley Macêdo

Doutora em Psicologia Clínica; Docente do Colegiado de Psicologia e da Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, PE, Brasil, mvm.shirley@gmail.com,
<https://orcid.org/0000-0003-1619-2353>

Melina Pinheiro Gomes de Souza

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, PE, Brasil; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) CNPq-UNIVASF, melinasouza@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-2254-9443>

Natan Damasceno Sudário

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, PE, Brasil; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) CNPq-UNIVASF, natansudario98@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1009-4592>

Ana Lícia Pessoa Nunes

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, PE, Brasil, analicia.pessoa@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1107-8431>

Resumo

O objetivo geral deste estudo foi compreender experiências de universitários usuários de diferentes modalidades clínicas em Psicologia ofertadas por um serviço escola nordestino. Empregando-se o método da hermenêutica colaborativa, realizaram-se dez entrevistas individuais abertas com pergunta disparadora. Análise fenomenológica revelou as seguintes unidades de sentido: reconhecimento da necessidade de ajuda; satisfação com o atendimento e a qualidade do serviço recebido; insatisfação como usuário do serviço escola; reconhecimento e satisfação pela atuação de quem atendeu; mudanças em modos de subjetivação; e mobilizações subjetivas com as experiências vividas. Concluiu-se, principalmente, a necessidade de ampliar estudos fenomenológicos em serviços escola de Psicologia e de criar políticas públicas no âmbito acadêmico para potencializar o cuidado à saúde mental de universitários nas universidades da região.

Palavras-chave: Serviços de Saúde Escolar. Educação Superior. Pesquisa Qualitativa.

Abstract: The general objective was to understand the experiences of university students using different clinical modalities in Psychology offered by a northeastern school service. With the collaborative hermeneutics method, ten open individual interviews were conducted with a triggering question. Phenomenological analysis revealed the units of meaning: recognition of the need for help; satisfaction with the service and quality of service received; dissatisfaction as a user; recognition and satisfaction with the performance of attendants; changes in modes of subjectification; subjective mobilizations with lived experiences. It was concluded the need to expand phenomenological studies in Psychology school services, besides the creation of public policies in the academic scope to enhance the mental health care of students in universities in the region.

Keywords: School Health Services. Higher Education. Qualitative Research.

Introdução

A Fenomenologia, entendida preliminarmente como epistemologia, constitui um modo de pensar e fundamenta processos de como se dá a produção do conhecimento. Também constitui um método, que permite o livre acesso ao mundo, aos fenômenos e à constituição subjetiva humana. Ela também é uma filosofia que se fundamenta e funda diversas outras perspectivas que reconhecem o homem nas suas experiências com o outro no mundo, tais como antropológicas, sociológicas, psicológicas etc. No entanto, é igualmente uma ciência, pois sistematiza o conhecimento sobre as coisas (Holanda, 2009).

Posto isso, em Psicologia, a Fenomenologia pode ser entendida como uma ciência eidética, introduzida pelas concepções de Husserl sobre os atos da consciência e de como esta atribui sentido às coisas do mundo. Foi Husserl, portanto, quem primeiro cunhou o termo e fundamentou a Psicologia Fenomenológica para o estudo da consciência psíquica, com a intenção de ser uma ciência fundamental para a Psicologia. Posteriormente, outros filósofos, como Heidegger, Jaspers, Scheler, Stein, Buber, Merleau-Ponty e Sartre, apropriaram-se dos pressupostos metodológicos da fenomenologia sobre o estudo da consciência, debruçaram-se sobre distintos aspectos da experiência e desenvolveram os alicerces para uma psicologia denominada fenomenológica (Amatuzzi, 2009; Goto, 2015; Orengo, Holanda, & Goto, 2020).

Apesar de constantes avanços em estudos que relacionam Psicologia e Fenomenologia, no Brasil ainda há sérias dificuldades de circunscrever e definir a Psicologia Fenomenológica, principalmente no que concerne a perspectivas clínicas e de pesquisa, pois diversos autores se distanciaram de suas origens e se apropriaram dela de diferentes maneiras, derivando, daí, diversas abordagens humanistas, existenciais e fenomenológicas, como também distintas formas de fazer

pesquisa em Psicologia com o método fenomenológico (Orengo et al., 2020).

Entretanto, necessário se faz salientar que, no que concerne à pesquisa fenomenológica em Psicologia, a maior contribuição de Husserl foi sua intenção em descrever e compreender o fenômeno como ele se apresenta e as diversas possibilidades como a consciência pode apreendê-lo. Vale, aqui, lembrar Amatuzzi (2009), ao argumentar que, mesmo percorrendo por diversas formas de apreciação da experiência humana, a psicologia fenomenológica procura elucidar a experiência comum, evocada a partir da reflexão do depoimento experiencial, que é trabalhado de forma sistemática nos moldes como se costuma fazer em procedimentos científicos. Assim, essa psicologia permite ao pesquisador um modelo de pesquisa qualitativa como possibilidade de acesso e leitura científica da realidade psicológica, ao demonstrar mais objetividade na coleta e análise de dados, além de uma melhor apreensão da subjetividade daquele que colabora com a pesquisa.

Diante desses fundamentos epistemológicos, o presente estudo nasceu de uma ocupação de seus autores com a necessidade de sistematização de pesquisas fenomenológicas em Psicologia no Nordeste do Brasil, ao elegerem uma investigação que focasse sentidos de experiências humanas atribuídos por sujeitos que vivenciavam determinada realidade social. Entretanto, para conduzir a pesquisa à luz da fenomenologia, eles se debruçaram sobre a temática do cuidado ao sofrimento psíquico em universitários, especificamente ofertado em modalidades clínicas diversas por serviços escola de Psicologia.

Um Olhar Fenomenológico para o Cuidado ao Sofrimento Psíquico em Universitários

Costa (2014) e Dutra (2017), a partir de perspectivas fenomenológicas em Psicologia, consideram o sofrimento psíquico essencial e inerente à existência humana. Enquanto o primeiro autor defende que o sofrimento se constrói e se expressa nas relações, é singular, intransferível, tem função de promover a implicação do homem com a preservação da sua vida e, para ser superado, demanda compreensão, apoio e cuidado; a segunda autora, ao tematizar sobre a escuta do sofrimento existencial de estudantes universitários em serviço de Plantão Psicológico, enfatiza que, nos dias atuais, constituído de relações coisificadas e desumanas, o sofrimento psíquico tem se expressado em forma de transtornos, tais como depressão, síndromes do pânico, fobias, estresse e comportamento suicida.

De acordo com Dutra (2017), o contexto acadêmico pode ser vivido pelos estudantes universitários como fonte de solidão, isolamento, angústia e medo. Por sua vez, Macêdo (2018) se

refere ao que denomina de insuportabilidade do sofrimento psíquico, principalmente entre jovens contemporâneos, que se vêm sozinhos para enfrentarem, ressignificarem e transcenderem o sofrimento, em virtude de situações cotidianas como fragmentação de laços sociais, ausência de solidariedade e errância do cuidado, especialmente em instituições universitárias.

Entretanto, o sofrimento psíquico em universitários é reconhecido por alguns autores de diversas perspectivas em Psicologia (a exemplo de Padovani et al., 2014) como uma questão de saúde pública, enquanto outros (Andrade et al., 2016; Castro, 2017; Graner & Ramos-Cerqueira, 2017; Moretti & Hübner, 2017; Silva & Azevedo, 2018) evidenciam uma série de desafios e dificuldades que tais estudantes enfrentam, colocando em risco seu bem-estar e sua saúde mental. Essas dificuldades podem caracterizar os denominados fatores de risco, que, conforme Pereira et al. (2018), são aspectos negativos da vida que aumentam as chances de problemas emocionais, físicos e sociais, como também a vulnerabilidade do sujeito a diferentes situações.

São fatores de risco comuns entre universitários, por exemplo: transição do ensino médio para o superior, distância da família e adaptação à nova cidade; estresse e ansiedade provocados pelo excesso de atividades acadêmicas; pressão e cobranças para alcançar resultados satisfatórios; expectativas frente ao futuro profissional e do mercado de trabalho; competitividade existente entre os colegas de curso e adversidades presentes nas relações com outros discentes e docentes (Castro, 2017; Costa & Moreira, 2016; Macêdo, 2018; Padovani et al., 2014; Pinho et al., 2015; Silva & Azevedo, 2018).

A partir de uma ótica em Psicologia à luz da fenomenologia, é possível dizer que, diante desses e de outros fatores de risco, evidenciam-se alguns fatores de proteção que podem minimizar o sofrimento psíquico de universitários, constituindo-se como cuidado à sua saúde. Esses fatores estão diretamente relacionados com o meio em que o sujeito está inserido. Assim, amigos ou familiares, assim como redes de apoio, podem ser agentes colaboradores no processo de enfrentamento ao sofrimento psíquico. Portanto, relações interpessoais, como também intrapessoais, podem representar vínculos cuidadosos, contribuindo para um desenvolvimento saudável do universitário no cotidiano acadêmico (Gomes, Comonian & Araújo 2018).

Amatuzzi (2008), eminente estudioso em pesquisa fenomenológica em Psicologia, ao se referir a cuidado, já enfatizava a dificuldade que o sujeito tem em se desenvolver de forma integrada. Para o autor, esse desenvolvimento se faz a partir das mobilizações de processos grupais, ou seja, das relações interpessoais, através do próprio modo grupal de ser, partindo de mobilizações

personais. Todavia, para que haja essa integração entre pessoa e grupo, é necessário que as pessoas se abram umas para as outras, a partir de seus centros, em seu íntimo. Posteriormente, ocupada com uma visão existencial sobre cuidado humanizado na assistência à saúde, Amorim (2013) defendeu que o cuidado pode ser entendido como uma atitude de desvelo, solicitude, de atenção com o outro e de preocupação, tendo em vista que as pessoas que têm cuidado se sentem envolvidas e ligadas umas às outras.

Neste sentido, como já enfatizava Amatuzzi (2008), perspectiva-se que o cuidado nesses termos também pode ser obtido através de intervenções de um profissional de saúde, a partir, por exemplo, da atuação do(a) psicólogo(a) em práticas clínicas, sejam individuais ou grupais, promovendo relações de segurança e confiança por parte de quem demanda ajuda.

O cuidar profissional do(a) psicólogo(a) depende, no entanto, de uma escuta clínica bem aprimorada e competente, pois, como destaca Macêdo (2018), esse é um dispositivo de transição entre cuidar e saber de si, diante de quem precisa de ajuda por se encontrar em sofrimento. Souza e Silveira (2019), ao se debruçarem sobre ações de profissionais na Atenção Básica em Saúde, também referiram que o cuidado humanizado começa na escuta através do espaço que é oferecido ao sujeito para que este possa falar e expressar seus sentimentos. Macêdo (2018), por sua vez, defendeu uma perspectiva nomeada por ela como humanista-fenomenológica, destacou a importância do cuidado com universitários e apontou possibilidades de intervenções voltadas ao cuidado-de-si-junto-com-outros nas Instituições de Ensino Superior (IES).

A autora ressaltou, além disso, a necessidade da criação de espaços de escuta e fala em grupos interventivos para que estudantes universitários entrem em contato com outros e compartilhem seu sofrimento em um contexto intersubjetivo de troca de experiências e produção de sentido. Segundo sua perspectiva, nesses espaços é possível encontro intersubjetivo e retomada da consciência histórica entre os envolvidos no diálogo. Quem intervém, portanto, deve promover uma ação coletiva de ressignificação da realidade e produção de novos sentidos para construção conjunta de estratégias de enfrentamento.

O método da hermenêutica colaborativa, nestes moldes, pode ser usado em IES, como alternativa eficaz para intervir/pesquisar processos vividos por universitários que buscam ajuda ao estarem em sofrimento psíquico. Segundo Souza e Cury (2015), também pesquisadoras fenomenológicas em Psicologia, estudantes vivem imersos em relações interpessoais nas universidades por vezes percebidas como ameaçadoras, quer seja pela via da cobrança acadêmica,

quer pela via da competição entre pares. As autoras, portanto, reconheceram a importância da atenção psicológica nessas instituições, destacando que “o atendimento psicológico constituiu-se como um espaço possível para o encontro com o humano e com o inter-humano, como possibilidade de ressignificação do próprio contexto universitário e facilitador do desencadeamento de um processo psicológico de crescimento” (p.236).

Assim, faz-se necessário destacar a importância da oferta dessa atenção em diversas modalidades clínicas oferecidas por serviços escola de Psicologia no ambiente universitário, pois podem funcionar como fatores de proteção e cuidado, por possibilitar intervenções que visam bem-estar, saúde mental e qualidade de vida. Importante se faz aqui uma visada fenomenológica sobre saúde mental e os serviços de cuidado/assistência à saúde psíquica das pessoas. Como refere Costa (2014), não se trata de compreender a atenção à saúde mental a partir de um quadro sintomático, mas estendê-la como possibilidade a todos que apresentam algum tipo de sofrimento psíquico que demanda cuidado em contextos de relações intersubjetivas. Portanto, o cuidado em saúde mental pode ser estudado, entre outros aspectos, pelas relações vividas por usuários e/ou estudantes de Psicologia de serviços escola, já que “saúde mental se faz com pessoas, dentro de um território” (Mäder, Holanda & Costa, 2019: p.6).

Serviços Escola de Psicologia: Ações de Cuidado a Universitários em Sofrimento Psíquico

A partir de 2004, no “12º Encontro de Clínicas-Escola do Estado de São Paulo”, as chamadas clínicas-escola de Psicologia passaram a ser denominadas como serviços escola, mudança terminológica que teve como objetivo atender uma maior multiplicidade de intervenções psicológicas nessas instituições para além da estrutura clínica, bem como ampliar a realização de pesquisas e práticas que auxiliassem e correspondessem às necessidades sociais da comunidade (Amaral et al., 2012; Melo-Silva, Santos & Simon, 2005).

Além de oferecerem atendimento psicológico de qualidade, gratuito ou a baixo custo para a sociedade economicamente menos favorecida, e promover práticas de cuidado, os serviços escola também têm por finalidade treinar os alunos do curso de Psicologia das IES em que estão inseridos, possibilitando que os discentes apliquem os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula. Ademais, por estarem situados em universidades/faculdades, esses espaços promovem pesquisas que ajudam na compreensão e melhoria de estratégias, métodos e serviços de extensão à comunidade (Amaral et al., 2012; Herzberg & Chammas, 2009; Peres, Santos & Coelho, 2003).

Cada serviço escola tem autonomia para estabelecer e programar práticas ofertadas. No entanto, alguns disponibilizam modalidades clínicas e sistemas em comum como, por exemplo, triagem, plantão psicológico, acolhimento e psicodiagnóstico, que são denominados serviços de porta de entrada (Rebouças & Dutra, 2010; Rocha, 2011). Para além desses, um serviço escola pode ofertar práticas como psicoterapia, aconselhamento, processos grupais, orientação profissional, avaliação psicopedagógica, avaliação psicológica, consultoria etc.

Nesse sentido, os serviços escola atuam de forma significativa em todas as instâncias do processo, desde a identificação da demanda até a transposição de conhecimentos da universidade para a comunidade. São questões que geram informações que podem ser incorporadas a estratégias de atendimento para melhor atender demandas locais e regionais. Assim, esses espaços contribuem para o desenvolvimento de pesquisas e a produção de conhecimento, favorecendo a apropriação e a transposição para práticas, no âmbito da formação profissional em Psicologia (Marturano, Silveiras & Oliveira, 2014).

Alguns serviços escola oferecem, inclusive, plantão psicológico, atendimento em grupos e oficinas pontuais específicos para universitários, com o objetivo de proporcionar cuidado a esses sujeitos que, na maioria das vezes, estão em sofrimento psíquico intenso, em crise psíquica e/ou apresentando determinados transtornos mentais e de comportamento. As modalidades ofertadas, portanto, além de ajudar esses usuários na ressignificação do sofrimento, também viabilizam desenvolvimento e aprimoramento de competências acadêmicas, e, quando em grupo, geram socialização e promovem compartilhamento de experiências (Dutra, 2017; Macêdo, 2018).

Tendo em vista a gama de serviços que podem ser ofertados à comunidade externa e interna por um serviço escola, a presente pesquisa, realizada em um serviço escola de Psicologia nordestino, buscou compreender experiências de universitários usuários de diferentes modalidades de prestação de serviço, tentando descrever sentidos dessas experiências para eles, analisar como eles percebiam os serviços recebidos e quais resultados foram reconhecidos por eles como favorecedores de sua saúde mental.

Método

O estudo foi conduzido conforme preceitos éticos das Resoluções CNS/MS 466/2012 e 510/2016, assim submetido à avaliação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Vale do São Francisco, ficando registrado na Plataforma Brasil sob CAEE Nº

17728719.0.0000.5196. O início da coleta de dados só se deu após a emissão pelo CEP do parecer Nº 3.603.877, datado de 27 de setembro de 2019.

O enfoque da pesquisa foi o qualitativo-fenomenológico, que investiga a experiência humana a partir de uma visada sobre os sentidos e os significados da mesma para quem a vivencia. Nessa concepção, como método de pesquisa, a fenomenologia resgata o caminho qualitativo da experiência, redescobrando o sentido de existir do ser humano no mundo, pois não há possibilidade de estudar o objetivo e o concreto vivido na experiência sem antes averiguar o subjetivo (Andrade & Holanda, 2010; DeCastro & Gomes, 2011).

A pesquisa foi realizada nas dependências de um serviço escola nordestino, que tem mais de dez anos de funcionamento, agrega uma equipe de nove supervisore(a)s, duas técnicas psicólogas, dois (duas) psicólogo(a)s voluntário(a)s, dois assistentes administrativos, dois auxiliares de serviços gerais e possui, por semestre, cerca de 50 estagiários atuantes. Além de projetos de extensão e pesquisa que são desenvolvidos nas dependências deste serviço escola e envolvem alguns estudantes de graduação, são ofertadas diversas modalidades clínicas, como triagem, acolhimento, aconselhamento de carreira, plantão psicológico, grupos interventivos, orientação profissional, psicoterapia, orientação psicopedagógica, consultoria em gestão de pessoas etc. A instituição deu anuência para a realização do estudo para que a equipe de pesquisa tivesse acesso a prontuários, fichas pré-cadastro e de atendimentos de universitários, desde que resguardando o sigilo desses documentos, que foram fonte de informações sobre potenciais colaboradores da pesquisa.

Antes de ter acesso aos documentos, apresentou-se a pesquisa para os professore(a)s supervisore(a)s do serviço escola, visando obter suas anuências. Após isso, a equipe de pesquisa foi orientada para garantir o processo de sigilo do material, retirá-lo e devolvê-lo ao local de origem após término da obtenção das informações desejadas.

O convite para participar da pesquisa foi realizado a partir de informações de contatos telefônicos e/ou e-mail de universitários já atendidos na instituição. Para serem incluídos na pesquisa como colaboradores, os universitários deveriam ter sido contemplados efetivamente pelo serviço escola com alguma modalidade clínica, não terem se desligado do serviço por motivo de abandono e não estarem sob acompanhamento psicológico em outra instituição.

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista individual aberta com pergunta disparadora, que durava de 20 a 50 minutos cada, era gravada e posteriormente transcrita. Inicialmente realizaram-se duas entrevistas presenciais em salas previamente agendadas no serviço

escola, para garantir o sigilo e anonimato dos usuários. No entanto, esse formato de coleta teve que ser suspenso a partir de 18/03/2020, em virtude do cenário da pandemia da COVID-19. Respeitando decretos municipais e estaduais, além de Resoluções do Conselho Federal de Psicologia, o serviço escola suspendeu suas atividades presenciais, inviabilizando a continuidade da coleta, já que não se teria acesso aos contatos dos colaboradores. Assim, uma nova versão do projeto para realizar entrevistas individuais de forma remota foi submetida e aprovada por parecer 4.172.69, emitido em 24/07/2020 pelo Comitê de Ética que já havia aprovado o projeto original. Portanto, finalizou-se a coleta com mais oito colaboradores entrevistados via plataforma *zoom*.

Nos dois formatos de entrevista, foi solicitado ao colaborador que assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após essa solicitação, o processo se iniciava com uma pergunta disparadora, instrumento que busca colocar o sujeito em contato com suas experiências, no intuito de favorecer que ele as descreva e propicie que o pesquisador alcance os significados e sentido das mesmas (Amatuzzi, 1996; Macêdo & Caldas, 2011). Assim, como forma de abrir o diálogo, foi proferida a seguinte pergunta disparadora: “Como se deu a sua experiência de ser atendido como usuário universitário neste serviço escola?”.

Os relatos foram analisados fenomenologicamente a partir dos seguintes passos (Amatuzzi, 2008 e 2009; Macêdo, 2006 e 2015):

- a. leitura de cada relato por cada membro da equipe de pesquisa, para que os mesmos alcançassem os significados da experiência;
- b. exploração, em diálogo entre os componentes da equipe de pesquisa, dos elementos significativos que foram relacionados aos objetivos do estudo, transformando-os em linguagem psicológica;
- c. presentificação da experiência em Unidades de Sentido (US) para cada relato analisado;
- d. síntese do relato individual: a equipe de pesquisa construiu um texto constitutivo da análise preliminar de cada relato investigado e convidou o colaborador, por e-mail, para participar da análise, podendo o mesmo confirmar, propor alterações ou até negar a análise que foi realizada (apenas seis colaboradores confirmaram as análises preliminares, pois os outros não respeitaram o prazo determinado para responder o e-mail encaminhado);
- e. de posse das análises de cada relato, a equipe de pesquisa fez generalizações para a experiência que foi investigada, levando em consideração o que houve de comum nos sentidos de

todos os relatos, sintetizando a análise final em US mais abrangentes.

Resultados e Discussão

Os rios no Nordeste do Brasil vêm enfrentando impactos ambientais que ameaçam sua sustentabilidade, o que serve de alerta para conscientização da sociedade, já que fluxos naturais de água favorecem a sobrevivência de seres vivos (Lima, 2015). Metaforicamente, como os rios, IES nordestinas, principalmente da região interiorana, enfrentam profundos impactos psicossociais, políticos e econômicos e, assim como peixes que têm sua sobrevivência ameaçada, muitos estudantes, ao adentrarem em uma universidade/faculdade, têm sofrimento psíquico potencializado, necessitando construir estratégias de enfrentamento que garantam a manutenção de sua vida acadêmica, no sentido de alcançarem a tão sonhada conclusão de curso.

Com essa reflexão em mente, durante a análise dos resultados desta pesquisa, os pesquisadores envolvidos com o estudo nomearam os colaboradores com pseudônimos referentes a peixes exóticos e nativos do Rio São Francisco. Consideraram, para tanto, que as US identificadas indicaram que os colaboradores compartilhavam de processos em comum, assim como peixes compartilham de características quanto a propriedades evolutivas. Os pseudônimos atribuídos e as US identificadas estão distribuídos no quadro a seguir, onde foram abreviadas as modalidades clínicas ofertadas pelo serviço escola aos universitários investigados: Aconselhamento de Carreira (AC), Grupo Interventivo (GI), Plantão Psicológico (PP), Psicoterapia Individual (PI) e Triagem (T)

Quadro 1 - Unidades de Sentido, suas descrições e respectivos colaboradores

Unidades de Sentido	Descrição	Colaboradores
Reconhecimento da necessidade de ajuda	O colaborador, antes e durante o processo de atendimento, sentiu que precisava de ajuda e por isso buscou ou se manteve no atendimento	Apaiari (PI), Dourado (GI), Tucunaré(PI), Surubim (PP), Pacamã (PI), Tilápia (AC), Corvina (AC), Tamboatá (GI), Piapara (T)
Satisfação com o atendimento e com a qualidade do serviço recebido	O colaborador sentiu-se satisfeito em relação ao serviço-escola, ao atendimento recebido e ao próprio desempenho no processo	Apaiari (PI), Dourado (GI), Tucunaré(PI), Surubim (PP), Pacamã (PI), Tilápia (AC), Corvina (AC), Tamboatá (GI), Piapara (T)
Insatisfação como usuário do serviço escola	O colaborador sentiu insatisfação por não ter conseguido atendimento individual, com a falta de comunicação/ <i>feedback</i> do serviço-escola e em relação ao seu retorno, com o tempo de espera para ser atendido ou com a não oportunidade de continuar o tratamento	Dourado (GI), Tucunaré (PI), Surubim (PP), Tilápia (AC), Corvina (AC), Tamboatá (GI), Apaiari (PI).
Reconhecimento e Satisfação pela atuação de quem o atendeu	O colaborador sentiu reconhecimento e satisfação com a atuação de quem o atendeu	Tucunaré (PI), Pacamã (PI), Tilápia (AC), Corvina (AC), Tamboatá (GI), Piapara (T), Matrinxã (PP)
Mudanças em modos de subjetivação	O colaborador sentiu ou não considerou como significativas mudanças em modos de subjetivação (pensar, sentir e agir)	Apaiari (PI), Dourado (GI), Tucunaré (P.I), Surubim (PP), Pacamã (PI), Tilápia (AC), Corvina (AC), Tamboatá (GI), Piapara (T), Matrinxã (PP)
Mobilização com as experiências vividas	Ao longo do processo de atendimento(s), o colaborador se sentiu muito mobilizado ao se dar conta de suas experiências	Dourado (GI), Pacamã (PI), Tilápia (AC), Tamboatá (GI), Piapara (T)

De acordo com o quadro acima, a compreensão da experiência investigada será descrita adiante de modo a entrelaçar os objetivos pretendidos com as US identificadas pela equipe de pesquisa, conforme foram aparecendo com recorrência, levando em consideração os elementos significativos em comum para cinco ou mais colaboradores.

Compreendeu-se que quase todos os universitários atribuíram sentido ao **reconhecimento da necessidade de ajuda**, pois eles se referiram à importância de uma intervenção psicológica diante de traumas e problemas que possuíam, por necessitarem dar prioridade a um processo pessoal, evoluir ou por outros motivos. Isso pode estar relacionado com o que Maia, Germano e Moura Jr. (2009) mencionaram sobre uma condição reflexiva de si mesmo, quando um sujeito se depara com a própria percepção de *self*, o que lhe fornece significados com os quais ele se identifica ao perceber a realidade. Veja-se:

Eu meio que estava guardando muita coisa comigo mesma, e comecei a ter transtorno de ansiedade muito grande, generalizado. Isso começou a afetar fisicamente e mentalmente minha vida, então eu comecei a pensar e repensar que precisava de algum tipo de intervenção, de ajuda (Pacamã, PI).

Os universitários também revelaram suas percepções em relação aos serviços com os quais foram contemplados, denotando **satisfação com o atendimento e com a qualidade do serviço recebido**. Conforme já haviam referido Herzberg e Chammas (2009), pode-se compreender essa satisfação como essencial durante todo e qualquer processo de acompanhamento psicológico, já que favorece que os clientes atendam suas expectativas em relação ao serviço recebido, o que possibilita uma maior segurança e comprometimento/disponibilidade durante o processo. Pode-se compreender isso pelos recortes de fala abaixo:

Eu fui bem recebida e acolhida. O pessoal da recepção me deu algumas informações, dizendo que, se eu esperasse um pouquinho, iria ter o atendimento, senão eu poderia colocar meu nome e eles iriam me ligar para dizer qual era a data. Em nenhum momento eu me senti mau de estar ali e nem me arrependi de ter ido. Foi tudo muito tranquilo (Piapara, T).

Foi bom, porque é um atalho, é uma ajuda que a gente tem. Às vezes, não temos outro meio ou condição de buscar esse auxílio, e foi bom (Corvina, AC).

Eu acho que o próprio espaço de ter tido um atendimento, primeiramente, para falar, para poder ser ouvido; de ter uma pessoa disponível, para poder está fazendo essa escuta, eu acho que já foi algo bem efetivo [. . .] Eu precisava naquele momento para desabafar, então, para mim, já foi muito positivo, foi essencial, porque me fez descarregar (Surubim, PP).

Desde o início da chegada até o acolhimento foi muito bom. Porque foi rápido e eles compreenderam o que de fato eu queria. Eles conseguiram, logo no início, entender o que eu queria (Tucunaré, PP).

Por outro lado, alguns colaboradores apresentaram **insatisfação como usuário do serviço escola** quando alguns mencionaram, por exemplo, no que concerne aos grupos interventivos, que o processo acabou mais cedo em relação à quantidade de encontros propostos; além de outros considerarem que o momento com os estagiários durante o atendimento era curto, já que havia demora para conseguir vaga e não teriam outra oportunidade de acompanhamento: “eu acho que foi dada uma quantidade de momentos, não sei se eram dez, e acabou se encerrando mais cedo. E aí, foi

meio de surpresa: olha, gente, é o último’, mas tudo bem” (Tamboatá, GI); “a única coisa que eu tenho de negativo em relação ao serviço escola é que quando parou o tratamento eu não tive mais nenhuma oportunidade de continuar novamente” (Tucunaré, PP). Referiram, também, descontentamentos em relação à comunicação e falta de retorno/*feedback*: “eu esperava esse acompanhamento, pelo menos uma ligação de *feedback* para dizer se haveria ou não a possibilidade de acompanhamento (Surubim, PP).

Acessar essas percepções de usuários universitários através de dados de pesquisa torna-se crucial para se refletir sobre os serviços prestados, pois, como enfatizam Marturano, Silveiras e Oliveira (2014), uma pesquisa tem o poder de produzir conhecimentos para aperfeiçoar práticas profissionais sensíveis às demandas da comunidade, tendo em vista a constante necessidade de aprimoramento da oferta de serviços.

Contudo, os universitários revelaram **reconhecimento e satisfação pela atuação de quem atendeu**, pois o estudante de Psicologia passava conforto, segurança, aliviava a tensão ou tinha boa postura e atitude durante o atendimento, o que tornou o momento satisfatório. Isso pode proporcionar tanto o desenvolvimento do processo terapêutico do usuário quanto fortalecer no estudante de Psicologia o processo de construção de identidade como futuro(a) psicólogo(a), dependendo de como esse reconhecimento é experimentado por aquele(a)s estagiário(a)s que ficam mais tenso(a)s com o medo de errar, algo já apontado por diversos autores, a exemplo de Aguirre et. al. (2000), Oliveira-Monteiro e Nunes (2008), assim como Zanatta, Silva e Zacarias (2018). Veja-se o que disseram Piapara (T) , Pacamã (PI) e Matrinxã (PP):

A escuta dele, uma escuta muito boa, ele não me interrompia e não colocava. Sabe quando você fica sem palavras e uma pessoa sugere uma palavra para você, mas não era aquilo que você queria dizer? Então, ele não fazia isso. Ele esperava, tinha paciência de esperar eu dizer tudo (Piapara, T).

Ela me ajudou bastante, e só fomos interrompidas por conta da pandemia que foi em março. Acho que foi uma semana antes de começar a quarentena. Até sinto falta do contato, da experiência, da nossa sala de escuta (Pacamã, PI).

O que eu esperava no momento, para mim foi bastante útil. Eles me ajudaram para que eu chegasse às conclusões. Eles deixaram eu falar para que eu me entendesse melhor (Matrinxã, PP).

Para os colaboradores, houve sentido, também, nas **mudanças em modos de subjetivação** (pensar, sentir e agir), o que foi favorecedor para que muitos deles mudassem suas atitudes e

respondessem de forma diferente às situações enfrentadas na vida, viabilizando a própria saúde mental:

Eu estava tendo comportamentos que eu sabia que iam me prejudicar, mas eu estava fazendo mesmo assim, aí por isso eu procurei o plantão. Desde então, eu tenho feito o exercício de conversar comigo mesmo antes de fazer qualquer coisa, e me ajuda bastante. Eu melhorei bastante (Matrinxã, PP).

Eu não posso dizer que eu mudei muito a realidade de fora do ambiente que eu vivo, comecei a fazer isso a partir de agora. Mas o meu modo operante mudou muito [...] Antes eu me achava muito metódico, calculista, tudo para mim tinha que ser planejado. E planejar tudo e querer controlar tudo me frustrava bastante. Hoje em dia, eu relevo. Eu gosto muito de ser uma pessoa que controla tudo, porém não fico mais frustrado caso eu não consiga algo que não seja minha responsabilidade. Eu tento, mas não fico mais para baixo, incomodado com isso. Então, eu mudei minha qualidade de vida por conta disso (Apaíari, PI).

A partir dos primeiros momentos que eu tive contato, principalmente depois dos encontros, onde a gente consegue ter uma abertura e consegue se identificar com a fala da outra pessoa, eu consegui ter um grande avanço, sabe? Eu acho que hoje eu até diria que se a estagiária ouvisse novamente as minhas vivências, meus relatos atuais, ficaria até orgulhosa - risos (Dourado, GI).

Só que, de certa forma, eu tive maturidade depois para entender que mesmo sendo de outra forma, na medida em que eu falava, ajudava-me a refletir e encontrar as respostas para as situações (Tilápia, AC).

Nesse sentido, cabe fazer ressalvas sobre o quão as modalidades clínicas investigadas podem ter sido eficazes para as mudanças em modos de subjetivação dos universitários usuários do serviço escola. Isso leva a refletir sobre a função da clínica como abrigo e morada à subjetividade humana sendo cumprida pelo acolhimento prestado por estudantes de Psicologia em Serviço Escola.

À luz da fenomenologia merleau-pontyana, Macêdo (2015) se refere à subjetividade como encarnada e ao corpo como morada da subjetividade, discorrendo sobre sua constituição como uma apropriação de singularidade do ser humano no espaço relacional entre ele, o mundo e os outros. A autora destacou, posteriormente, que, “como ser relacional, o sujeito depende do outro e sem esse não poderia alçar à sua condição de ser humano” (Macêdo, 2020, p. 6). Nesse sentido, pode-se dizer que os estudantes de Psicologia, ao acolherem os universitários em diferentes modalidades no serviço escola, estariam oferecendo condições favorecedoras de apropriação de singularidades e mudanças em modos de subjetivação (sentir, pensar e agir).

Segundo Schimidt (2004), acolher consiste no olhar para a experiência do sujeito, reconhecendo os recursos subjetivos que esse possui para lidar com a queixa trazida e o suporte

externo, além das expectativas e perspectivas que apresenta no momento. Pelos recortes de fala dos entrevistados, pode-se arriscar dizer que, independente da modalidade clínica ofertada, ao acolher, o estudante de Psicologia fornecia ao universitário usuário a possibilidade de se posicionar frente àquilo que expunha, favorecendo processos de mudança.

No entanto, foi interessante perceber que alguns poucos colaboradores, especificamente que realizaram Aconselhamento de Carreira, não perceberam que as mudanças foram permanentes, no sentido deles colocarem em prática o que aprenderam no processo, como se pode denotar do trecho da entrevista de Corvina (AC): “apesar que a gente não coloca tudo em prática, a gente aprende umas coisas, depois deixa de mão, fugindo do foco. Vai deixando, vai procrastinando, como se diz (risos)”. Mesmo com essa frase, é possível compreender que há reconhecimento de que algo foi aprendido, mesmo que não tenha sido levado para a vida prática. A colaboradora afirmou:

Eu sou muito ansiosa, então eu não consigo perceber muita diferença. Talvez ela aconteça naquele momento que está sendo feito o processo, aquele trabalho. Mas, depois, eu não me concentro no que eu estudei, no que eu vi, no que eu aprendi, e deixo tudo de lado. Talvez seja isso o meu problema.

As mudanças em modos de subjetivação levam à outra US destacada - **mobilização com as experiências vividas** -, que os colaboradores manifestaram ao relatar o próprio processo, sendo isso um resultado favorecedor de sua saúde mental, por ajudá-los no enfrentamento do sofrimento, como é exemplificado nos recortes de entrevista abaixo:

Então você levar a sua carga de vida, apesar da gente ser na faixa ali dos 20 a 25 anos mais ou menos, nossa vivência fez com que a gente conseguisse entender o outro, olhar para o outro, e isso também fazia com que a gente olhasse para dentro da gente (Dourado, GI).

Eu tinha muitas dúvidas em relação ao que eu estava fazendo, ao que eu queria fazer [...] Questão da minha vida profissional. Durante os atendimentos de aconselhamento era sempre muito pautado em buscar em me ajudar a esclarecer esses pontos (Tilápia, AC). Participar em grupo, foi algo interessante pois conseguia refletir não só sobre as minhas experiências, mas também as experiências do outro e de como esse outro também nos mobilizava (Tamboatá, GI).

Estes trechos, com destaque para os colaboradores que participaram de grupos interventivos (GI), são bem significativos diante do que Macêdo (2018) defende no que se refere a processos clínicos: a possibilidade de promover um conhecimento intersubjetivo e construir novas estratégias para enfrentar o sofrimento a partir da perspectiva que o pensamento institui mobilizações que

geram significados para o sujeito produzir novos sentidos em sua vida a partir de processos compartilhados em grupo.

Por fim, vale referir alguns sentidos que foram compreendidos alternadamente em menos da metade dos colaboradores investigados, tais como: expectativas e curiosidades em relação a atendimento psicológico, desconforto no início do processo, importância da abertura ao processo terapêutico e reconhecimento da importância do serviço escola da universidade. Esses sentidos podem favorecer que se reflita sobre como universitários sentem-se atraídos por acompanhamento psicológico e, mesmo que se sintam desconfortáveis ao iniciar o processo, reconhecem como importante se implicarem na experiência de cuidado que buscaram, sendo a presença de um serviço escola na IES fortemente validada para atender a demandas de sofrimento psíquico dessa comunidade.

Para além de ambiente que contribui para a formação do estudante de Psicologia, este espaço cumpre com seu papel social, ao buscar identificar e intervir diante das necessidades sociais, ao gerar e transmitir não só conhecimento, mas também saúde e qualidade de vida (Amaral et al., 2012), como exposto no relato Corvina (AC) e Surubim (PP), respectivamente:

O serviço escola, como eu falei anteriormente, é um trabalho importante para gente entender, pelo menos um pouco, dos nossos sentimentos e emoções. Essa ajuda, que a gente precisa, sendo a psicoterapia. Às vezes, não temos oportunidade em vários aspectos, financeiro, tempo, trabalho etc., mas é bom porque é uma ajuda para você desabafar, se abrir com a situação que você está vivendo (Corvina, AC)

Eu acho que a universidade tem muitos mecanismos que podem nos ajudar bastante em vários sentidos e o serviço escola é um deles. É importante que ele seja fortalecido e que na verdade a gente possa absorver e saber usar melhor a estrutura dele e os próprios estudantes que estão ali disponíveis para poder fazer com que esse órgão tenha mais sentido (Surubim, PP).

Diante disso, salienta-se a importância desse serviço estar articulado a uma rede de assistência estudantil, pois auxilia na promoção do desempenho escolar e bem-estar dos alunos, por meio da prestação de atendimento psicológico gratuito (Sousa, 2019), acolhendo demandas da comunidade acadêmica interna e externa, sendo necessário um maior investimento das IES na saúde mental e na qualidade de vida de universitários, como bem realça Pacamã (PI) em um trecho da sua entrevista:

Então, para mim, o serviço escola é um centro de tratamento essencial que a universidade deveria priorizar, devia expandir, porque não só atende a demanda externa, mas também o contexto mesmo acadêmico. Então, eu acho que quanto mais, se puder investir em saúde mental e apoio psicológico e tudo mais, seria benéfico.

4 Considerações Finais

Os resultados encontrados indicam que as intervenções realizadas pelo serviço escola investigado foram satisfatórias para promover saúde mental aos colaboradores, assim como as modalidades clínicas oferecidas pela equipe da instituição foram reconhecidas como de qualidade pelos colaboradores do presente estudo. Portanto, concluiu-se que, mesmo os universitários sendo contemplados com diferentes modalidades de prestação de serviço, tiveram experiências semelhantes nos processos, permitindo se perspectivar sobre a percepção de usuários em relação aos atendimentos recebidos e o próprio serviço escola, além de se poder pensar sobre melhorias para a instituição, os estagiários e as modalidades clínicas investigadas. Embora uma pequena quantidade deles tenha atribuído sentido à importância do serviço escola na universidade, esses e outros salientaram que essa instituição não consegue abarcar toda a comunidade (acadêmica e externa) em situação de sofrimento psíquico, necessitando ampliar não só a quantidade de seu corpo funcional, mas também a sua estrutura física.

No que diz respeito à condução da pesquisa, enfrentaram-se algumas dificuldades, como, por exemplo, alcançar mais colaboradores, em virtude de alguns já não estarem mais residindo na região ou não serem mais encontrados pelos contatos telefônicos e de e-mails cadastrados no serviço escola. Também foi desafiador mudar o formato da entrevista, técnica na qual, de acordo com a perspectiva fenomenológica em pesquisa, privilegia-se o contato presencial e intersubjetivo entre pesquisador e colaborador. No entanto, rompendo esses desafios, os pesquisadores conseguiram concluir o estudo sem muitas intercorrências, abrindo espaço para se refletir sobre a modalidade remota como forma de alcançar colaboradores de diversas partes do Brasil, em um estudo que busque estudar o tema em diferentes serviços escolas.

Acredita-se, portanto, que esse estudo pôde colaborar com a qualidade dos serviços investigados, viabilizando que a instituição universitária possa traçar estratégias e refletir sobre ações conjuntas com outras IES, a rede de atenção psicossocial da região e o serviço escola, no sentido de mobilizar intervenções voltadas à saúde mental no âmbito acadêmico, visando um trabalho integrado para atender a demandas de estudantes universitários.

Por fim, atenta-se para a importância de pesquisas fenomenológicas em serviços escola de

Psicologia, já que, ao investigar sentidos de experiências concretas, pode-se chegar a significados psicológicos, sociais, econômicos, culturais e históricos, assim como ampliar possibilidades de produção de conhecimento e enriquecimento dos modos de fazer psicológicos na sua interface com o modo de pensar fenomenológico sobre fenômenos especificamente humanos.

Referências

- Aguirre, A. M. D. B., Herzberg, E., Pinto, E. B., Becker, E., Carmo, H. M., & Santiago, M. D. E. (2000). A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. *Psicologia USP*, 11(1), 49-62. [doi:10.1590/S0103-65642000000100004](https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000100004)
- Amaral, A. E. V.; Luca, L.; Rodrigues, T. C.; Leite, C. A.; Lopes, F. L. & Silva, M. A. (2012). Serviço de Psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura. *Boletim de Psicologia*, 72(136), 37-52. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v62n136/v62n136a05.pdf>
- Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 13(1), 5-10. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n2/a13v27n2.pdf>
- Amatuzzi, M. M. (2008). *Por uma psicologia humana* (2a ed.). Campinas, SP: Editora Alínea.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, 26(1), 93-100. [doi:10.1590/S0103-166X2009000100010](https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010)
- Amorim, K.P.C. (2013). O cuidado de si para o cuidado do outro. *Revista - Centro Universitário São Camilo*, 7(4), 437-441. Recuperado de: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/155557/a09.pdf>
- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(2), 259-268. [doi:10.1590/S0103-166X2010000200013](https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013)
- Andrade A. S., Tiraboschi G. A., Antunes N. A., Viana P. V. B. A., Zanoto P. A., & Curilla R. T.

(2016). Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de graduandos em Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(4): 831-846. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n4/1982-3703-pcp-36-4-0831.pdf>

Castro V. M. (2017). Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. *Revista Gestão em Foco*, 9, 380-401. Recuperado de: http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/043_saude_mental.pdf

CNS/CONEP (2012). *Resolução N. 466, de 12 de dezembro de 2012*. Recuperado de: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>

CNS/CONEP (2016). *Resolução N.510, de 07 de abril de 2016*. Recuperado de: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>

Costa, I. I. (2014). *Sofrimento humano, crise psíquica e cuidado*. Brasília, DF: EDUnB.

Costa, I.I (2014). Sofrimento humano e sofrimento psíquico: da condução humana às “dores psíquicas”. In I. I. Costa (Org). *Sofrimento humano, crise psíquica e cuidado: dimensões do sofrimento e do cuidado humano na contemporaneidade* (pp. 21-67). Brasília, DF: EDUnB.

Costa, M. & Moreira Y.B. (2016). Saúde mental no contexto universitário. *Blucher Design Proceedings*, 10(2), 73-79. Recuperado de: <https://pdfs.semanticscholar.org/cbf5/10e636b5fb1b81cf4df57d705125cf5caf96.pdf>

DeCastro, T. G., & Gomes, W. B. (2011). Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(2), 153-161. [doi:10.1590/S0103-166X2011000200003](https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200003)

Dutra, E. (2017). Plantão psicológico numa clínica-escola: a escuta do sofrimento existencial de

universitários. In A. M. L. C. de Feijoo & M. B. M. F. Lessa (Orgs.). *Fenomenologia e práticas clínicas II*. (pp. 109-129). Rio de Janeiro: IFEN.

Graner, K. M., & Ramos-Cerqueira, A. T. A. (2017). Revisão integrativa: Sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência e Saúde Coletiva*, 16(3), 1327-1346. Recuperado de: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/revisao-integrativa-sofrimento-psiquico-em-estudantes-universitarios-e-fatoresassociados/16374?id=16374&id=16374>

Gomes, C.; Araújo, C. L. & Comonian, J. O. (2018). Sofrimento psíquico na universidade: uma análise dos sentidos configurados por acadêmicos. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(2), 255-266. Recuperado de: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1909>

Goto, T. A. (2015). *Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.

Herzberg, E., & Chammas, D. (2009). Triagem estendida: Serviço oferecido por uma clínica-escola de Psicologia. *Paideia*, 42(19), 107-114. Recuperado de: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2009000100013&script=sci_arttext&tlng=pt

Holanda, A. (2009). Fenomenologia e Psicologia: diálogos e interlocuções. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(2), 87-92. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200002&lng=pt&tlng=pt

Lima, L. D. S. (2015). Os impactos ambientais no entorno da nascente do Rio Piranhas em Bonito de Santa Fé-PB. Recuperado de: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/7498>

Macêdo, S. (2006). Condições de trabalho e saúde mental entre profissionais de psicologia na região metropolitana do Recife: um estudo fenomenológico. *Travessia*, VIII (1), pp. 141-158.

- Macêdo, S. (2015). *Clínica humanista-fenomenológica do trabalho. A construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho*. Curitiba: Juruá.
- Macêdo, S. (2018). Sofrimento psíquico e cuidado com universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. *Eco: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 8(2): 265-277. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844>
- Macêdo, S. (2020). Um olhar para a subjetividade e a saúde mental do trabalhador durante e após a pandemia da COVID-19. *Revista Trabalho (En)Cena*, e021002, 1-17. [doi:10.20873/2526-1487e021005](https://doi.org/10.20873/2526-1487e021005)
- Macêdo, S., & Caldas, M. T. (2011). Uma análise crítica sobre técnicas de pesquisa fenomenológica utilizadas em Psicologia Clínica. *Revista do NUFEN*, 3(1), 3-16. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100002&lng=pt&tlng=pt
- Mäder, B. J., Holanda, A. F., & Costa, I. I. (2019). Pesquisa qualitativa e fenomenológica em saúde mental: Mapeamento como proposta de método descritivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35. [doi:10.1590/0102.3772e35439](https://doi.org/10.1590/0102.3772e35439)
- Maia, C. M., Germano, I. M. P., & Moura Júnior, J. F. (2009). Um diálogo sobre o conceito de *self* entre a abordagem centrada na pessoa e psicologia narrativa. *Revista do NUFEN*, 1(2), 33-54. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000200004&lng=pt&tlng=pt
- Marturano, E. M., Silveiras, E. F. M., & Oliveira, M. S. (2014). Serviços escola de Psicologia: seu lugar no circuito de permuta do conhecimento. *Trends in Psychology / Temas em Psicologia*, 22(2), 457-470. [doi:10.9788/TP2014.2-15](https://doi.org/10.9788/TP2014.2-15)
- Melo-Silva, L. L., Santos, M. A. dos, & Simon, C. P. (2005). *Formação em psicologia : serviços-escola em debate*. São Paulo: Vetor.

- Moretti, F. A., & Hübner, M. M. C. (2017). O estresse e a máquina de moer alunos do ensino superior: vamos repensar nossa política educacional? *Revista Psicopedagogia*, 34 (105): 258-67. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n105/03.pdf>
- Oliveira-Monteiro, N. R., & Nunes, M. L. T.. (2008). Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado?. *PsicoUSF*, 13(2), 287-296. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008000200015&lng=pt&tlng=pt
- Orengo, F. V., Holanda, A. F., & Goto, T. A. (2020). Fenomenologia e psicologia fenomenológica para psicólogos brasileiros: uma compreensão empírica. *Psicologia em Estudo*, 25 (e45065). Recuperado de: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/45065/751375149682>
- Padovani, R.C. et al., (2014). Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10(1), 02-10. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000100002
- Pereira, A. S., Wilhelm, A. R., Koller, S. H., & Almeida, R. M. M. D. (2018). Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23, 3767-3777. Recuperado de: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-81232018001103767&lng=pt&nrm=iso
- Peres, R. S., Santos, M. A., & Coelho, H. M. D. (2003). Atendimento psicológico a estudantes universitários: considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. *Estudos de Psicologia*, 20(3), 45-57. Recuperado de: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2003000300004&script=sci_arttext&tlng=pt
- Pinho, A. P. M., Dourado, L. C., Aurélio, R. M., & Bastos, A.V. B. (2015). Transição do ensino médio para a universidade: um estudo qualitativo sobre os fatores que influenciam este

processo e suas Possíveis consequências comportamentais. *Revista de Psicologia*, 1(6), 33-47. Recuperado de: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/1691>

Rebouças, M. S. S., & Dutra, E. (2010). Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(1), 19-28. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004&lng=pt&tlng=pt

Rocha, M. C. (2011). Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos. *Revista do Nufen*, 1(1), 119-134. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100007

Schmidt, M. L. S. (2004). Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 21(3), 173-192. doi:10.1590/S0103-166X2004000300003

Silva, M.V. M., & Azevedo, A. K. S. (2018). Um olhar sobre o suicídio: vivências e experiências de estudantes universitários. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(3), 390-401. Recuperado de: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1908/0>

Sousa, L. E. E. M. (2019). Caracterização da clientela do serviço de psicologia de uma instituição de ensino superior pública. *Revista Interdisciplinar de Ciência Aplicada*, 4(8), 376-388. Recuperado de: <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/ricaucs/article/viewFile/7763/4001>

Souza, G. G., & Cury, V. E. (2015). A experiência de estudantes sobre a atenção psicológica disponibilizada na universidade: um estudo fenomenológico. *Memorandum*, 28, 221-239. Recuperado de: <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/wp-content/uploads/2015/05/souzacury01.pdf>

Souza, S. A. L., & Silveira, L. M. C. (2019). (Re)Conhecendo a escuta como recurso terapêutico no cuidado à saúde da mulher. *Revista Psicologia e Saúde*, 11(1), 19-42 doi:10.20435/pssa.v0i0.571

Zanatta, G. S., Silva, P. B. da, & Zacarias, M. A. (2018). A atuação do estagiário de Psicologia: um relato de experiência. *Perspectivas Em Psicologia*, 22(2). [doi:10.14393/PPv22n2a2018-12](https://doi.org/10.14393/PPv22n2a2018-12)

Submetido em 27.11.2020 – Primeira Decisão Editorial em 22.12.2020 – Aceito em 05.01.2021